

A LITERATURA NA ERA DIGITAL

Prof. MS. Antônio Carlos Braga Silva¹ (FAAM)

Resumo:

A literatura, qualquer que seja o espaço em que ocorra, viabiliza-se através de um sistema semiótico (ou intersemiótico) perpassando por diversos níveis sógnicos (quer sejam eles visuais, sonoros, verbais etc.). O advento da informática e a utilização do espaço virtual nos propiciaram novas possibilidades quanto à capacidade e disponibilidade de circulação de todas as modalidades textuais, desde as mais convencionais até os textos mais sofisticados e artisticamente elaborados. Como resultado desse advento na literatura, defrontamo-nos com um amplo leque de modalidades textuais que incitam não só o receptor, mas também, ao artista, que leve em consideração as possibilidades do que podemos chamar de “imaterilização dos conteúdos”. Assim, mais que um instrumento para agilizar a produção de textos clássicos, as novas tecnologias, como por exemplo o hipertexto e outros suportes informatizados, são um “novo universo de criação e de leitura dos signos”.

Palavras-Chave: Literatura. Era digital. Hipertexto. Leitura.

Introdução

Estamos no início de um novo século, com ele, surgiram inúmeras questões concernentes às transformações sociais e culturais que estamos vivenciando. Principalmente, questões importantes para o entendimento do que significa fazer e ler literatura neste novo século.

O surgimento das Novas Tecnologias Digitais provocou uma nova postura do homem perante o mundo que está se digitalizando, apesar dos problemas econômicos que parecem insolúveis, oriundo do capitalismo, este é um dos principais motores dessa transformação tecnológica e cultural que assistimos, literalmente, ocorrer diante de nós.

O computador e principalmente a rede mundial de computadores, denominada internet, são elementos fundamentais dessa transformação, assim como a máquina de escrever foi um elemento de transformação no século XIX. A máquina de escrever serviu para automatizar a escrita; pois ela colocou o escritor numa nova relação com o texto, facilitando inclusive a leitura de originais. A máquina de escrever é um dos símbolos que levaram a humanidade a transformações tanto culturais quanto tecnológicas como foi com a roda, a luz elétrica, o cinema e o automóvel,.

A literatura e a evolução tecnológica

Segundo Lima, no final do século XIX e início do século XX, a evolução tecnológica, na literatura brasileira, foi considerada salutar por autores como João do Rio e Monteiro Lobato, e trazia conseqüente modernização à imprensa. Ainda de acordo com Lima, enquanto autores como

1 **Antônio Carlos Braga Silva, Prof. Ms.**
Faculdade da Amazônia - FAAM
acsilva30@hotmail.com

Lima Barreto consideravam o ato de datilografar originais como tarefa ingrata, e assim atribuía à literatura um patamar de trabalho artesanal e personalizado.

A respeito do uso do computador Pierre afirma:

Se considerarmos o computador como uma ferramenta para produzir textos clássicos, ele será apenas um instrumento mais prático que a associação de uma máquina de escrever mecânica, uma fotocopadora, uma tesoura e um tubo de cola. Um texto impresso em papel, embora produzido por computador, não tem estatuto ontológico nem propriedade estética fundamentalmente diferente dos de um texto redigido com instrumentos do século XIX. Pode-se dizer o mesmo de uma imagem ou de um filme feitos por computador e vistos sobre suportes clássicos. Mas se considerarmos o conjunto de todos os textos (de todas as imagens) que o leitor pode divulgar automaticamente interagindo com um computador a partir de uma matriz digital, penetramos num novo universo de criação e de leitura de signos. Considerar o computador apenas como um instrumento a mais para produzir textos, sons ou imagens sobre um suporte fixo (papel, película, fita magnética) equivale a negar sua fecundidade propriamente cultural, ou seja, o aparecimento de novos gêneros ligados à interatividade. (LEVY, 1997, P. 43-44)

O advento da informática gerou o que é considerada como “tecnofobia”, que em alguns casos, revela problemas e dificuldade de relacionar-se com a nova tecnologia, presente e necessária nos dias atuais. A reação mais comum dos “tecnofóbicos” em face das suas incapacidades em operar com a técnica é a diminuição da importância do uso da tecnologia. Para que possam lidar com a própria inabilidade, algumas pessoas tendem a diminuir a habilidade que não dominam. Pois, nos anos 80, as novas tecnologias pairavam como ferramentas mágicas na mente da maioria das pessoas. Hoje, o que parecia ser mágico tornou-se real. O avanço tecnológico digital disponibilizou ao homem instrumentos como computadores, *paggers*, telefones celulares, correio eletrônico, *Internet* dentre outros, os quais se tornaram indispensáveis para o dia-a-dia da maioria das pessoas.

A *Internet* é acima de tudo um campo para divulgação de idéias e conhecimento; nesse campo denominado de ciberespaço a literatura encontrou um meio ideal para sua propagação.

Será, então, que a literatura ao utilizar o ciberespaço estaria extinguindo o uso do livro? A resposta nos parece clara, visto que esse é apenas mais um meio para a difusão da palavra e da transformação desta. A utilização da máquina de escrever para transpor a escrita manual para a mecânica quebrou a idéia de que escrever era uma atividade artesanal. Experimentamos, atualmente, a virtualização da escrita e seguimos para a construção no ciberespaço daquilo que Pierre Lévi chama de Inteligência Coletiva, uma rede de cabeças pensantes que estão constantemente e silenciosamente transformando a realidade humana de forma planetária ou globalizada como muitos preferem denominar.

Com tantas transformações tecnológicas, muitos podem pensar no fim do livro e, até o mais extremistas, no fim da literatura. Contudo, isso é um grande equívoco, pois esses são dois finais ou, como queiram alguns, “duas mortes” que estão muito distantes. Podemos afirmar que um o futuro da literatura está no espaço virtual, ou ciberespaço, o qual pode ser considerado como um mundo cheio de possibilidades.

De acordo com Steiner (2002, p. 36), a *Internet* não põe a literatura em risco visto que assim como o cinema e a televisão, ela é um meio que, de uma forma ou de outra, está recuperando para as diferentes telas os autores clássicos da literatura universal, levando para o público um pouco mais do que simplesmente textos, independentemente da idade desse público.

Contudo, como é normal a tudo que é novo, ela ainda denota incômodo a muitos, pois, de certa forma, não há nada mais “cômodo” do que falar do já consagrado e canônico, visto que

supostamente não dá trabalho e não corremos risco de errar ao avaliar. Talvez, estejamos vendo o surgimento de nova literatura mediada pelas novas tecnologias. E essa possibilidade não é está descartada.

Na atualidade, as novas tecnologias inseriram-se de maneira bastante atuante na sociedade de forma geral, além de propiciarem transformações também na relação da Literatura com a sociedade, e conseqüentemente com os meios de produção, produtores, receptores, levando-nos a repensar e questionar sobre o livro e suas formas de veiculação, e os novos rumos que a leitura pode tomar.

Se analisarmos de acordo com a visão de Posner, que considera a sociedade usuária de signos, devemos repensar e reavaliar a relação da sociedade contemporânea com os signos que a compõem na formação do processo cultural. A cultura é um sistema de signos reconhecíveis pelos membros de uma sociedade, que a integram, sendo ela constituída por usuários de tais signos. Por isso, a cultura mental de uma sociedade é um conjunto de códigos utilizados por ela. Repensar qualquer um desses elementos de forma isolada é corre o risco de termos uma visão turva desse sistema instituído. Devemos analisar sociedade, tecnologia, autores, leitores, obra e livro conforme em semiose.

O livro atingiu um patamar de instituição, haja visto que, em sua forma impressa, configura-se como ferramenta para transmitir a memória cultural de um sociedade, propiciando um saber coletivo, papel também exercido pela tecnologia. Evidentemente, que o livro impresso e o livro eletrônico possuem hierarquicamente valoração diferenciada entre si e culturalmente. No que concerne à valoração pragmática, o livro impresso permite mais facilmente a reprodução, pois livros eletrônicos possuem chaves de segurança eletrônica que impossibilitam a reprodução, em virtude de preservar os direitos autorais. Além disso, fazer anotações é inviável, o que no impresso torna possível o cruzamento e articulação de dados.

Não podemos desconsiderar o que a educação vem vivendo com as novas tecnologias. Pensar a educação, atualmente, sem a tecnologia e a relação entre ambas é inviável. Assim como, tentar implementar a educação tecnológica sem livros impressos, ferirá a necessidade do leitor de manipular o livro, e exercitar sua criatividade. Podemos citar como exemplo os livros infantis que, hoje, valem-se cada vez mais de elementos sonoros, verbais e visuais. Não podemos negligenciar como a relação do leitor com a obra afeta a formação deste. Claramente, o livro eletrônico é uma fonte grandiosa de possibilidades interativas, porém, ele não suprirá – e nem mesmo objetiva fazer isso – as relações sensoriais, tais como: odores e formas diferenciadas, propiciadas pelo livro de papel, de plástico, e outras formas táteis em que ele se apresenta.

Aqui levantamos uma questão: será que o livro eletrônico ou os sites de literatura configuram uma natureza diferenciada da literatura impressa, já reconhecida e tão debatida pelos estudiosos da área? Será que a produção hipertextual funda um novo gênero literário, em decorrência de sua natureza. Ainda há necessidade mais estudos sobre essas questões, pois nesse campo o computador manipula o signo verbal, criando neste efeitos visuais, ou construindo com a utilização de signos sonoros e visuais o que se denomina Literatura Gerada por Computador, ou atualmente conhecida como Ciberliteratura.

A Ciberliteratura revela três tendências de criação textual, também entendidas como gêneros :

a poesia animada por computador (que, na continuidade da poesia visual, introduz a temporalidade na textura freqüentemente multimidiática da escritura e movimento no ecrã), a literatura generativa (que mediante “geradores automáticos” apresenta ao leitor um campo de leitura visual constituído por infinitas variantes em torno de um modelo) e a hiperficção

(narrativa desenvolvida segundo uma estrutura em labirinto, assente na noção de hipertexto, ou texto a três dimensões no hiperespaço, em que a intervenção do leitor vai determinar um percurso de leitura único que não esgota a totalidade dos percursos possíveis no campo de leitura). (PÉCORA, 2000, P. 23)

A Literatura Gerada por Computador permite satisfazer a produção de textos complexos que exigem um espaço da tridimensionalidade e a possibilidade da interatividade. Neste sentido, temos o espaço de leitura como um sistema semiótico. Enquanto tal, torna-se experiência comunicacional de signos diversos: dos visuais aos sonoros e verbais.

Produzir no campo virtual da Ciberliteratura é ter a possibilidade de manipular a linguagem verbal e usar inserida nela signos visuais e sonoros. Então, encontramos-nos diante de um novo meio de suporte para o texto, que geram um novo leitor e a necessidade de uma nova linguagem, a qual pode apresentar complexa estrutura tanto em termos lingüísticos quanto sintáticos.

Este novo signo oriundo do computador provoca estranhamento em uns e fascínio em outros, é entendida por alguns como mera transposição da escritura para o meio eletrônico, o que se gera certo problema para a reconfiguração dos novos modos de leitura e do livro no país.

Nos últimos tempos, grandes investimentos têm sido realizados no campo tecnológico da informática, principalmente pela iniciativa privada, no intuito de ampliar possibilidades de acesso ao conhecimento globalizado e fomentar a interação com outras nações. Na área educacional, escolas têm incluído em seus currículos a tecnologia, com o objetivo de possibilitar ao aluno a ampliação de seu universo de conhecimento e torná-lo cidadão do mundo. A grande rede chamada de web tornou-se o lugar de encontro de milhões de pessoas em buscas de informações, divertimento, comodidade nas compras e pesquisas.

Com o crescimento da nova mídia, a literatura conquistou um espaço muito importante. Temos vários fenômenos que precisam e devem ser estudado como: os jornais literários, sites pessoais de poetas/ escritores, bibliotecas virtuais com acervo para download (cópia), e-books, dentre outros.

As inovações tecnológicas sobrepuseram as certezas absolutas e, assim, tivemos que desconstruir e reconstruir conceitos, além de questionar valores estéticos. Nesse espaço surge o hipertexto, escritas associadas não-sequenciais, conexões possíveis de se seguir, oportunidades de leituras em diferentes direções”. Assim, o *texto hipertextual* tem como característica principal ser um documento digitalizado, apresentando vários “planos”, que contêm informações relacionadas entre si por meio de “links” associativos, a fim de compor novas estruturas narrativas ou teias poéticas, submetidas à intencionalidade do leitor ou à proposta estética do autor.

Surge o princípio da interatividade – participação do leitor na elaboração do texto, escolha de caminhos, estruturação narrativa. A reprodução para o meio eletrônico é feita por escanerização ou digitação dos textos, com as palavras-elo destacadas ou ainda pela introdução de ícones representativos da temática da obra ou do bloco. Quanto ao princípio da reprodutibilidade, *os textos hipertextuais* ainda podem ser reproduzidos, mas por blocos, devendo o leitor fazer as ligações pertinentes quando impressos. Quando isso ocorrer, haverá a perda do valor estético, tendo em vista que tais textos habitam o meio tecnológico e são decorrentes dos processos sígnicos deste.

Aqui, entendemos, portanto, o hipertexto como sistema semiótico. Pois nele, tanto a narrativa quanto a poesia hipertextual são formadas pela relação entre signos diversos. Como já foi dito, os dados são conectados por elos ou nós ou links que direcionam para informações textuais, sonoras, iconográficas etc. Por estarem pautados na relação, eles nunca apresentarão um modelo padrão pré-definido. A existência da obra acaba por se constituir enquanto sistema semiótico. Fundamental é que a estrutura produzida esteja semanticamente relacionada ao conteúdo abordado.

A teia narrativa ou poética, a qual determinará a estrutura da obra, depende das relações sógnicas que o leitor estabelece, ou seja, o leitor tem em sua mãos a possibilidade de completar a obra.

A Ciberliteratura, no Brasil, já possui produção expressiva, com autores como Arnaldo Antunes, o qual apresentam produções em poesia eletrônica que aliam artes plásticas, hipermídia e poesia, além de se utilizarem de mobilidade espacial das formas plásticas e verbais, permitindo assim a interação com o leitor.

A identidade do leitor se constrói historicamente de maneira permanente, baseada nas ferramentas utilizadas para escrita e leitura. O livro durante muito tempo foi considerado como uma relíquia ou algo mítico que detinha os saberes da humanidade. Porém, com a Revolução Industrial, ele tornou-se produto de consumo, e como tal deve ser mais acessível tanto no sentido de linguagem quanto econômico, isto é, deve se tornar mais “popular”, no intuito de que uma gama cada vez maior de pessoas possa usufruir dele, sem contudo perder seu patamar de detentor do conhecimento.

No ambiente virtual, o texto impresso sofre uma transformação a qual influencia na forma como a leitura é feita. O texto eletrônico ou virtual possibilita ao leitor a tornar-se um co-autor, visto que o hipertexto exige, de certa forma, uma interação do leitor com esse texto por meio de escolhas realizadas durante a leitura, as quais podem levar a resultados diferentes a cada leitura realizada no mesmo texto.

O advento das novas tecnologias da informação, chamadas comumente de TIs, forneceu um fenomenal instrumental capaz de propiciar maior desempenho na organização, gerenciamento e comunicação da informação, assim como na criação linguística e artística. A literatura é uma atividade humana que trabalha com a linguagem e a experiência, não se alijando desse meios. Devemos rever nosso conceito de literatura e olhar para a possibilidade de distinguirmos a literatura digital da não digital, porém, reconhecendo que ambas fazem parte da **Literatura**.

Conclusão

Não há como negar o apoio das novas tecnologias e, principalmente, da Internet, no que concerne à divulgação, edição, arquivamento, consulta, análise, leitura, além da transformação em discurso interativo, e ainda na comercialização de obras literárias, mesmo daquelas produzidas antes da Internet ou sem mesmo pensar nesta. Destacamos, também, as bibliotecas virtuais, nas quais as obras não criadas e produzidas por meios digitais encontraram um espaço.

As novas tecnologias concederam a possibilidade de existir uma literatura exclusivamente digital. Contudo, existem obras literárias que apesar de terem sido publicadas exclusivamente na Internet, não interativas, que poderiam ser publicadas em papel ou pano. E há as que necessitam do hipertexto da realidade virtual para sua existência, que sem a tecnologia digital seria impossível.

Conhecer a literatura não originada digitalmente e as possibilidades dela por meio digital apontam para um aumento qualitativo quando pensamos na configuração da literatura em todas as suas nuances e instâncias (leitora, autoral, contexto, referente, canal, código), considerando ainda o discurso, seja ela formatado textual ou hipertextualmente, como componentes do processo literário.

Além do mais, as novas tecnologias oferecem uma importante ferramenta para o estudo da literatura e para a análise dos estudos literários em si, como é o caso, por exemplo, da existência de sítios ou páginas web de autores, de movimentos de criação literária, de teoria e crítica literária e de literatura comparada. Tudo isto obriga à reflexão, partindo de pressupostos digitais, sobre a produção literária, sobre a recepção midiática e multimedial, sobre a leitura e a interpretação literária, sobre os direitos de autor, sobre as novas formas de edição, sobre a renovação da empresa editorial, sobre as novas configurações da obra literária, sobre o acesso à literatura, sobre a função

social da literatura na sociedade, etc.

Referências Bibliográficas

- BELLEI, Sérgio Luis Prado. *O livro, a literatura e o computador*. São Paulo: Educ & Florianópolis: UFSC, 2002
- BORGES, Robinson. “*Tecnofobia*”. *Jornal Valor Econômico, Caderno Eu & O fim de semana*. , 3,4 de março de 2001 – Ano I – No 44
- CALIL, Ricardo. *Ode à literatura na era do visual*. *Jornal Gazeta Mercantil, caderno fim de semana*, 19, 20, 21 de maio de 2000
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999
- CORRÊA, Almir Aquino. *Ciberespaço: mistificação e paranóia*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008
- DERIDA, Jacques. “O fim do livro e o começo da escritura” in *gramatologia*. Tradução Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Editora Perspectiva, 1993
- ECO, Umberto. *A literatura contra o efêmero*. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo Mais! 18 de fevereiro de 2001
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996
- LIMA, Rogério. *O dado e o óbvio: a significação do romance na pósmodernidade*. Ília: Editora Universidade de Brasília/Universa, 1998
- ORLANDI, Eni P. *Análise d discurso*. . ed. Campinas: Pontes, 2002
- PÉCORA, Alcir. *Milênio para iniciantes: literatura*. São Paulo: Folha de São Paulo Mais!, 31 de dezembro de 2000
- SALE, Kirkpatrick. *Inimigos do futuro: a guerra dos luditas contra a revolução industrial e o desemprego: lições para o presente*. ção Valéria Rodrigues. Rio de Janeiro: Record, 1999
- STEINER, Jorge. *Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*. Tradução Gilda Stuart e Felipe Rajabally. São Paulo: Companhia das Letras, 2002